

Acordo ainda sem data

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — Os negociadores brasileiros entraram para o que parecia ser a reunião decisiva com os banqueiros credores, ontem, às 19h30 (horário brasileiro), brincando com os repórteres: "Vão armar uma cabaninha aí, para esperar o resultado?"

Os repórteres gelavam na esquina das ruas 53 e Lexington, em Manhattan, na entrada do prédio dos escritórios de advocacia Shearman e Sterling, consolando-se com os indícios, de todas as fontes, de que "a situação está cada vez mais quente".

Para surpresa de todos, ontem foi um dia em que o emissário especial do ministro Bresser Pereira às negociações, Fernão Bracher, apareceu três vezes seguidas, parando para cumprimentos e poucos comentários. Quase não houve tempo para que almoçassem uma pita recheada de bolinho de grão-de-bico, salada e humus — o falafel, o sanduíche nacional de Israel, vendido por um árabe numa carrocinha estacionada no Citicorp Center.

As negociações estavam agitadas, ontem. Seus participantes, entrando e saindo, davam a impressão de que chegavam ao final do trabalho, prontos para a celebração do halloween, amanhã, nos Estados Unidos. Falava-se que já se encontravam na fase de escrever o comunicado final, que será "longo, a pedido do Brasil, que faz absoluta questão de que todos os detalhes sejam divulgados".

Desde cedo, ontem, tanto brasileiros quanto americanos faziam questão de não alimentar expectativas. Assim, o porta-voz do comitê dos bancos credores avisava que não se esperasse nenhum comunicado para mais tarde. E Fernão Bracher, na primeira aparição que fez, declarou quando lhe perguntaram "se o acordo é para hoje?"

"Hoje não sai, com certeza." Quando um repórter afirmou que o FMI era um dos obstáculos finais, ele ironizou: "Mas quem disse que o FMI está impedindo um acordo?" Será que a notícia de um acordo será dada pelos bancos, ou haverá um comunicado da delegação brasileira? Bracher gostaria de que houvesse condi-

ções para uma entrevista coletiva para a imprensa.

NOS FINALMENTE

Como o rumor era o de que essas "minutas" são os textos que faltam ao acordo, ou de que na verdade Fernão Bracher ia para um telefone ler o texto de um acordo para o ministro Bresser Pereira, no Brasil, insistiu-se, ali na rua, a temperatura batzando cada vez mais, agora a uns oito graus, em confirmar: "Há ou não um acordo à vista? Ele já está fechado?"

"Ainda não", respondeu Bracher.

— Qual o problema?

"Ainda há vários pontos pendentes..."

— O problema está com os americanos? A bola passou de novo para o lado deles?

Rindo um pouco, Bracher respondeu: "Cada um joga a bola para o outro".

Por volta das 22h10 (horário brasileiro), Bracher deixava a reunião. E comentou com os jornalistas: "Estamos nos finalmente, mas eles estão empedernidos".